

MONTGOMERY, SCOTT L. (2000)

Science in Translation: Movements of Knowledge through Cultures and Time, Chicago e Londres: The University of Chicago Press

MARIA DO ROSÁRIO DURÃO


DOUTORANDA EM ESTUDOS DE TRADUÇÃO

Science in Translation é uma obra que viaja pelos principais momentos do saber científico e técnico, salientando o papel crucial da tradução na sua produção, preservação, adaptação, actualização e difusão.

Geólogo de profissão, Scott L. Montgomery fez traduções técnicas durante mais de dez anos. Apercebendo-se de como a ciência moderna é devedora da tradução, e de como um trabalho de investigação sustentado sobre essa história se encontrava por fazer, decidiu aceitar, ele próprio, o desafio.

O resultado foi esta obra, que divide em três partes. A primeira, intitulada *"The Heavens through Time and Space: A History of Translating Astronomy in the West"*, mostra como, desde a criação da biblioteca de Alexandria, a tradução foi instrumental à consolidação do império grego e ao desenvolvimento de uma cultura do saber, que apoiava tanto a investigação científica mais hermética, como o enciclopedismo para benefício de um público mais vasto.

A transmissão deste conhecimento ao mundo romano constituiu o que Montgomery considera o primeiro grande momento da tradução ocidental. Sujeita a imperativos simultaneamente políticos e pedagógicos – a formação moral e política do cidadão romano – a tradução para latim elegeu o enciclopedismo grego e, dentro deste, as disciplinas que melhor asseguravam esse objectivo, como sejam, a retórica, que compreendia a tradução, a gramática, a dialéctica ou a astronomia, geralmente equacionada com a astrologia. Por conseguinte, os manuais gregos foram sucessivamente traduzidos, simplificados e de outras formas alterados por figuras como Cícero que, no desejo de latinizar toda a herança grega, consideraram a precisão técnica e científica um preciosismo dispensável.



O conhecimento científico grego, esse sobreviveu no seio de comunidades persas, judaicas, hindus, arménias e siriacas, principalmente entre os séculos II e VII, onde foi alvo de constante tradução, selecção, adaptação e interinfluência, enriquecendo não apenas o conhecimento original como cada uma dessas línguas e comunidades. Mas foram os estudiosos nestorianos e monofisitas que desencadearam o segundo momento de tradução. Forçados a abandonar o império bizantino, levaram com eles os já muito copiados textos científicos gregos, criando novos centros de estudo e ensino, como em Jundishapur, onde a tradução lhes permitiu apropriarem-se da herança grega, ao mesmo tempo que tornou a sua língua, o siríaco, a língua da tradução científica por excelência.

O terceiro momento teve como língua de chegada o árabe e como objecto os textos gregos e greco-siriacos científicos e filosóficos, aí denominados "ciências estrangeiras" ou "ciências dos antigos", por contraste com as "ciências islâmicas" cujo alvo era o estudo do Alcorão e a sua aplicação em áreas como o direito. Centrado na cidade de Bagdade – lugar da nova e iluminada civilização, a um tempo sagrada e secular, sonhada pelos califas abássidas – "envolveu mais de dois séculos [...] de esforços planeados e não planeados, centenas de obras individuais, pelo menos quatro línguas de partida principais (siríaco, grego, pálvavi e sânscrito), a recolha de manuscritos, a criação de 'oficinas' de tradução e a construção de bibliotecas e observatórios" (p. 93).

Os tradutores deste período eram, normalmente, clérigos nestorianos. O facto de se especializarem na tradução de algumas disciplinas permitiu-lhes apresentar um trabalho de qualidade que lhes grangeou algum prestígio e poder na sociedade palaciana abássida. Por outro lado, e pela primeira vez na história da tradução, verificou-se um esforço concertado de rever e corrigir as traduções existentes, sistematizar a nomenclatura técnica e compilar dicionários, glossários e enciclopédias, a partir de critérios de precisão linguística e de actualização e naturalização constantes do saber em função dos seus próprios conhecimentos e progressos científicos.

O quarto momento de tradução ocorreu com a transferência deste extenso legado para o latim e a Europa medieval, entre o final do século XI e meados do século XIII. O pendor racionalista e a abrangência e atitude crítica e activa da herança árabe tornaram-na sinónima de algo novo que urgia conhecer; logo, traduzir. Mas, ao contrário dos seus antecessores, estes eram tradutores independentes e generalistas que, por norma, conheciam mal as línguas de partida, como foi o caso do prolífico Gerardo de Cremona. Por conseguinte, o resultado dos seus esforços nem sempre se evidenciou pela qualidade e o rigor, mas a quantidade e diversidade do material vertido para latim foi tal que, volvidos cento e cinquenta anos após o início deste movimento, deixou de ser necessário aprender árabe para se ter acesso ao novo conhecimento. Consequentemente, foi possível concentrarem-se

na origem grega dos textos e rasurar todos as marcas da origem e influência árabe, tornando, indevidamente, seu um contributo sem o qual nem a ciência e filosofia latinas dos séculos XII a XIV, nem a Revolução Científica, teriam sido possíveis.

A segunda parte da obra intitula-se "*Science in the Non-Western World: Levels of Adaptation*". O autor elege o caso japonês por o isolamento geográfico e linguístico terem tornado a tradução central à sua existência. Associada ao Ocidente, a tradução científica e tecnológica representou, desde cedo, o acesso a um conhecimento que lhes permitia modernizar a nação, tornando-a progressivamente mais autónoma, motivo pelo qual, a partir de 1860, a importação/tradução desse saber tenha sido crescentemente selectiva em termos de disciplinas e de países de origem.

A terceira e última parte da obra, "*The Contemporary Context*", situa a tradução técnica e científica no âmbito da tradução em geral ao desfazer os mitos da universalidade do discurso científico e da correspondência directa dos seus discursos entre as várias línguas, ao recordar que este tipo de tradução é tão passível de análises estilísticas, linguísticas ou culturais como a tradução literária e ao levantar a questão de o tradutor técnico e científico ser um tradutor invisível ou um tradutor-autor.

Em suma, pelo novo olhar e a quantidade e rigor das informações e exemplos contidos neste livro, mas talvez, acima de tudo, por recordar o papel dinâmico e crucial da tradução na construção do edifício científico que não é, afinal, apenas ocidental, *Science in Translation* é uma obra indispensável a qualquer tradutor e a qualquer curso que aspire a formar tradutores.